

COMPLEXO DE CASTRAÇÃO E SEXUALIDADE COMO EIXO DA ESCUTA PSICANALÍTICA

— UM RECORTE CLÍNICO E UMA REFLEXÃO —

Luis Henrique
de Oliveira Daló (SEDES)

Túlio: menino/onça-pintada / O pai como segredo

Ao atender Túlio pela primeira vez, reconheço de cara uma das queixas maternas ao me procurar: sem ser direta, esboçava uma preocupação quanto à sexualidade do filho, então com seis anos; a incomodavam traços de homossexualidade, que outras pessoas apontavam e que também notava. No entanto, não vejo o menino com “jeito de menina” anunciado naquela conversa prévia, mas sim uma mistura um tanto esdrúxula: fala de bebê com formas estereotipadas de gestos de mamãe. Frases como “Tu quê?”, ou “Tum pote falar isso!”, me dizia com a mão na cintura e quadril meio de lado.

Algo que “tum potia”, nodal neste trabalho, aos poucos passa a poder, mas se torna um segredo nosso — primeira área aberta fora da mãe. É esta uma grande descoberta: no espaço analítico, Túlio poderia falar palavras, quer dizer, palavras infantis que marcam a diferença sexual, em especial este par: pinto-periquita. Assegura-se de que o assunto pode de fato vir à tona, e passa então a dividir tudo nestas duas categorias: pinto e periquita. Pega a caixa de giz de cera e alterna um giz para cada lado: pinto-periquita-pinto-periquita. Os animais também são ordenados segundo essa lógica, que tudo rege.

No momento de brincar, ele escolhe aqueles a quem chama de “meninas” (animaizinhos que parecem ser mães com filhotes). Aí, as falas se tornam um amontoado de gritos finos estridentes, e a movimentação é intensa; parece haver uma grande ameaça de fusão entre essas personagens, mas, ao mesmo tempo, alguma força centrífuga leva à saída acidental de alguma das “meninas” que compõem aquele caldo. Isso causa mais e mais excitação, e todas vão à busca de resgatar a desgarrada, tirá-la de uma situação que é, invariavelmente, de perigo.

A morte do pai de Túlio, quando ele estava por fazer um ano, foi assunto pouco falado na primeira entrevista com sua mãe. Levou um tiro, em uma briga de bar. Minha impressão naquele primeiro momento foi a de que eu não deveria forçar o tema que a mãe claramente evitava. Ainda assim, ocorreu-me uma ideia de que o menino teria que ser guardado em segredo, como se um homem estivesse fadado a repetir o pai.

Com o andar das sessões, sinto uma necessidade crescente de saber mais sobre o pai de Túlio. A impressão primeira, de certa superficialidade na relação pai-filho, começou a me soar estranha. Foi em uma segunda sessão com a mãe que pudemos conversar sobre a presença do pai na vida de Túlio, que fora sim bastante intensa. Segundo filho, o primeiro menino, Túlio havia sido um grande xodó do pai.

O impacto dessa morte na família criou uma situação: mãe e filhos são agora uma massa uniforme, da qual nenhum dos três pode se soltar, se diferenciar, sob risco de um desmoronamento de todos. Na sala de espera, vejo os três sentados, lado a lado, muito próximos entre si, deixando um grande espaço livre no restante do sofá: a mãe no centro, onde de um lado está grudada a menina recém púbere, bastante obesa, e de outro, Túlio, que sempre olha para a mãe quando o chamo pra sessão. Expressão concreta da nova composição familiar é uma parede construída após a morte do pai, separando a residência deles da casa do avô paterno, que antes vivia ali junto; a partir daí, o avô, agora vizinho, deixa de participar da vida deles. Túlio vive então cercado de primas que esbanjam adereços e longos cabelos femininos, glamorosos, experiências estético-identitárias das quais ele fica excluído. As meninas com seus acessórios, vivem em um mundo interessantíssimo. Ser menino é então estar privado do falo, ser castrado.

A uma primeira série de desenhos de garotas com vultuosos vestidos e cabelos, segue-se outra, onde o encontro pinto-periquita é retratado (F.1, F.2, F.3).

O tempo dos desenhos "Pinto-periquita" é entrecortado com brincadeiras nas quais um momento caótico se estabelece e a fala se perde, metamorfoseada em gritos. Em uma das situações criadas (com bonequinhos de família), no banheiro, o bebê cai pela privada. Ooooo-hhhhhhhhhh.....!!!!!! Aaahhhhhhhhhhhhhh.....!!!!!! Gritos se misturam, até que o pai lança seu pinto, onde o bebê se agarra e salva-se de ir pela descarga. O pinto passa a figurar uma potência que Túlio não tem.

Com um fantoche de leão, quer brincar de pegar o meu. Situação embaraçosa. Evidentemente, não permito o ato físico, mas deixo a brincadeira acontecer.

Às vezes, espanto o leão "Não vou deixar você pegar... Não vou querer ficar sem meu pinto! É muito importante pra mim."

Outras vezes, experimento outra abordagem, em que permito o ato de introjeção do objeto que Túlio sente que lhe falta. O leão pega e come. "Mmmmm... gostoso!"

Um desenho deste momento, feito em partes, conta a história de uma castração. (F.4).

A mulher ao centro é desenhada primeiro, tem cabelos enormes e um microfone na mão. Os riscos fortes são cortes em seu cabelo. O desenho à esquerda é feito em seguida. Sua posição subjetiva me parece ser aí retratada: o menino como sendo uma menina de cabelos curtos, violentamente cortados. Ele tem nesse momento um pinto exposto, e chora. Um pinto grande é então desenhado entre as duas primeiras figuras e, em seguida, outros dois, no canto inferior direito da folha, posteriormente transformados em rostos.

Esse menino sem cabelos reaparece em outros desenhos, agora sem um pinto aparente, mas lambendo o de um adulto. (F.5, F.6) A perlaboração do "menino-sem-cabelos", tempo de introjeção do pai-pinto, é permea-

da de um jogo caótico em que a família de bonecos é lançada para o alto. Os gritos de Túlio acompanham o ritmo de dispersão e reunião dos personagens. Até que se inventa uma brincadeira de esconde-esconde onde um personagem procura o outro, quando passam a se nomear (“onde está meu marido?”; “Cadê meu filho? Será que está por aqui?”) Túlio passa a se esconder para que eu o procure. Ainda que a sala não ofereça muitas opções de esconderijo, diversas sessões são recheadas dessa brincadeira, em que o reconhecimento por partes: “Estou vendo uma mão... um braço... um olhinho... Encontrei um menino!” Em um momento desse jogo, ele agrega uma espécie de comemoração ao êxtase de ser encontrado, usando dois enfeites da sala — um pequeno cocar e uma flauta. Veste-se com o cocar e sai em passeio, tocando. Tu D tu D tu D tu D tu... (F.7).

O adereço indígena e a flauta parecem propor uma transposição no jogo de esconde-esconde, onde agora o que se esconde é o pinto, ao mesmo tempo em que se revela indiretamente, pois a cada sessão é evidente sua alegria e potência.

A atmosfera indígena nos situa agora em uma floresta, e o jogo então proposto é bastante significativo: “Vamos brincar que você é o leão e eu sou a onça-pintada!” / “Mas claro que eu sei que essa onça é pintada, porque tem um pinto!”

Nessa mesma linha interpretativa, e amparado por esse momento de esconde-revela, quando Túlio termina o desenho e me mostra, digo: “Tá na cara que é um menino!” (F.8)

Breve reflexão: A polissêmica castração / No centro da existência, a sexualidade

O conceito de “castração”, poderíamos dizer, abarca ao menos três “complexos” que se articulam e ressignificam-se mutuamente; são eles frutos de três “feridas narcísicas” que fundam o sujeito e que o impõem exigências extremas de trabalho psíquico.

De um ponto de vista que supõe uma sequência lógica, temos: (1) A alteridade, que, concomitante à percepção da incompletude, coloca em xeque a fantasia de onipotência; (2) a partilha dos sexos, que implica situar-se, seja lá como for, como um ser limitado sexualmente; (3) a mortalidade, que exige haver-se com a própria finitude.

É plausível que nossa atenção seja chamada para a força de atração que a segunda “ferida” exerce sobre as outras duas na teoria freudiana — e psicanalítica, de modo geral. Seja por uma via de simbolização retroativa, seja dando figurabilidade àquilo que não teria condições de ter forma, vemos o termo complexo de castração — que a princípio nomeia os efeitos psíquicos da constatação da diferença sexual — servir também para nomear os efeitos da constatação da separação eu-outro, bem como os efeitos da percepção da finitude da existência individual. Não nos ocorre inventar algum “complexo de separação”, ou algum “complexo de morte”, que conglomerariam os demais.

Isso nos leva a uma questão mais ampla, que remete à centralidade da sexualidade na existência, segundo o ponto de vista psicanalítico: se em Psicanálise o sexual transcende o genital, como então definir o que deixa de ser sexual? E por que nos aferrarmos à consideração de um complexo “de castração” ou à escuta da própria sexualidade na regência dos sintomas?

Justamente em resgate ao lugar nuclear da sexualidade na Psicanálise, Green (1995) sustenta que sua experiência com aqueles a quem denominou “pacientes fronteirizos”, ou com pacientes que sofrem de distúrbios narcísicos, o leva a um retorno radical ao âmago da questão freudiana, à centralidade da sexualidade no que concerne à vida psíquica. Afirma, portanto, não defender mais “que fixações edípicas e genitais não estejam em ação no processo que causa o quadro patológico”. Ao contrário, conclui que

toda estrutura de sintomas em que a sexualidade parecia desempenhar um papel contingente, ou aparentemente pouco importante, atuava como se os outros aspectos, não abertamente genitais, se destinassem a proteger e ocultar o núcleo da patologia. De fato as fixações sexuais e genitais eram como o centro de uma cebola, coberto por muitas camadas, como o segredo que o paciente tem que manter na maior privacidade (p.228).

Merleau-Ponty (1999/1945), em seu livro *Fenomenologia da Percepção*, propõe reflexões relevantes que ventilam essas questões. Há aí um capítulo – ‘O Corpo como Ser Sexuado’ – dedicado em grande parte à questão da delimitação do campo da sexualidade na existência subjetiva. Esse autor realiza uma leitura crítica do conceito de sexualidade a partir da Psicanálise, buscando uma articulação com a sua proposta fenomenológica de retorno ao sensível. Inicialmente, ele lembra que no próprio Freud, o sexual não é o genital, a vida sexual não é um simples efeito de processos dos quais os órgãos sexuais são o lugar, a libido não é um instinto, quer dizer, uma atividade naturalmente orientada a fins determinados, ela é o poder geral que o sujeito psicofísico tem de aderir a diferentes ambientes, a fixar-se por diferentes experiências, de adquirir estruturas de conduta (p.219).

A vida sexual, assim considerada, leva à formulação de que “é a sexualidade que faz com que um homem tenha uma história”, mas a questão que se sobressai não é tanto a de saber se a vida humana repousa ou não na sexualidade, mas de saber o que se entende por sexualidade. A psicanálise representa um duplo movimento de pensamento: por um lado ela insiste na infra-estrutura sexual da vida; por outro, ela ‘incha’ a noção de sexualidade a ponto de integrar a ela toda a existência. (p.219) Quanto a esse problema, M.-Ponty (1999/1945) considera que “ou as palavras não têm nenhum sentido, ou então a vida sexual designa um setor de nossa vida que tem relações particulares com a existência do sexo. Não se trata de diluir a sexualidade na existência” (p.220). Ele propõe um

modo de tratar essa questão a partir da teoria da Forma, segundo a qual “o menor dado sensível só se apresenta integrado a uma configuração e já ‘posto em forma’” (p.220). A visão ou a audição, por exemplo, não poderiam ser consideradas isoladamente em relação aos outros sentidos e, mais amplamente, à própria história subjetiva, ao lugar no tempo e no espaço daquele corpo sensível. Mas, ainda assim, “isso não impede (...) que as palavras ‘ver’ e ‘ouvir’ tenham um sentido” (p.220). Também a sexualidade passaria a ser considerada – e aí ela se amplia – integrada à configuração da vida subjetiva, como uma figura articulada a um fundo, sendo este a própria existência, que se atrela também a todos os demais aspectos que a compõem. Assim, por esse ponto de vista, a cebola proposta por Green (1995), teria suas cascas articuladas de tal forma ao seu centro secreto, que elas não teriam uma forma que não tivesse relação com a existência dele. Os reflexos da existência da sexualidade poderiam então ser encontrados em cada aspecto da vida, e não somente no âmbito da genitalidade.

A partir disso, M.-Ponty (1999/1945) afirma que a sexualidade não é nem transcendida da vida humana, nem figurada em seu centro por representações inconscientes. Ela está constantemente ali, como uma atmosfera. (p.232)

Assim considerada, quer dizer, como uma atmosfera ambígua, a sexualidade é coextensiva à vida. [...] Fazendo-se assim existência, a sexualidade encarregou-se de uma significação tão geral, [...] que é impossível procurar na forma da sexualidade a explicação da forma da existência. Resta que esta existência é a retomada e a explicitação de uma situação sexual, e que, assim, ela tem sempre pelo menos um duplo sentido. (p.233)

Nesse sentido, que a meu ver permeia de fato a escuta clínica, não importa se a sexualidade se situa ou não no centro da existência, mas sim que mantém seus ecos em toda ela.

ANEXO / Desenhos de Túlio



F.1 - Desenho "Pinto-periquita" 1



F.2 - Desenho "Pinto-periquita" 2



F.3 - Desenho "Pinto-periquita" 3



F.4 - Desenho "Menino-sem-cabelos" 1



F.5 - Desenho "Menino-sem-cabelos" 2



F.6 - Desenho "Menino-sem-cabelos" 3



F.7 - Desenho "Índio-cocar-flauta"



F.8 - Desenho "Tá-na-cara"

Referências bibliográficas

GREEN, A. (1995) Sexualidade tem Algo a Ver com Psicanálise? In: Livro Anual de Psicanálise, Vol. I, 1995, p.217-230.

_____. (2002) Pour Introduire la Pensée Clinique. In: _____. La Pensée Clinique. Paris: Odile Jacob, 2002. p. 9-34.

LACAN, J. Édipo e Moisés e o Pai da Horda. In: _____. O Averso da Psicanálise. Tradução de Ari Hoitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. p. 95-110. (O Seminário, livro 17, 1969-1970).

M.-PONTY, M. (2001) A Criança Vista pelo Adulto. In: Psicologia e Pedagogia da Criança. Trad.: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 83-164.

_____. (1945) O Corpo como Ser Sexuado. In: Fenomenologia da Percepção. Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 213-236